RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DOCÊNCIA NO ENSINO DE CIÊNCIAS

Ana Caroline Fagundes de Castro[1], Jéssica Coimbra Aguilar[2], Ana Maria de Oliveira Cunha[3]

[1,2,3]Universidade Federal de Uberlândia

[1]acfagundesbio@gmail.com, [2]jeska.aguilar@hotmail.com, [3]cunhaamo@gmail.com

Linha de trabalho: Formação inicial de professores

Resumo

Este texto apresenta a descrição de uma experiência obtida no estágio docência de duas graduandas em Biologia em uma escola pública de Uberlândia - MG. As temáticas trabalhadas foram os reinos Protista e Fungi na disciplina de Ciências em uma turma de sétimo ano. O texto busca descrever e refletir aspectos acerca das atividades realizadas buscando observar como estas atividades influenciaram na aprendizagem dos alunos. Foi perceptível uma maior interatividade dos estudantes nas atividades não expositivas, onde puderam exercitar a observação, argumentação e concretização dos conteúdos.

Palavras-chave: estágio, docência, Protista, Fungi.

Contexto do Relato

O estágio supervisionado obrigatório é um componente curricular dos cursos de Licenciatura, ofertado a partir da segunda metade do mesmo. É o momento em que os licenciandos têm a oportunidade de vivenciar o ambiente escolar, colocando em prática as teorias e conteúdos aprendidos durante a graduação e posteriormente refletindo a prática vivenciada na escola. Na universidade, o estudante se depara com o conhecimento teórico, porém, na maioria das vezes, é difícil relacionar com a prática sem vivenciar momentos reais para que se possa analisar o cotidiano de sua futura profissão (MAFUANI, 2011), portanto, é um período de grande importância para que o licenciando tenha a experiência antes de atuar na futura profissão de professor, possibilitando por meio da pesquisa e investigação, a formação de professores críticos-reflexivos e pesquisadores (PIMENTA & LIMA, 2004).

De acordo com Krasilchik (2004), a implantação dos estagiários na escola deve contar com a ajuda de profissionais experientes que propiciem orientação e assistência na solução de questões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem. Barros, Silva e Vasquez (2011) corroboram a ideia de que o estágio supervisionado é o momento que o estagiário se torna o canal entre a escola e a universidade, as quais proporcionam aos licenciandos uma primeira experiência como professor, mas com o devido apoio do professores supervisores e orientadores.

Após as discussões para a organização do estágio, optamos por ministrar atividades práticas por concordar com Cavassan e Seniciato (2007), de que as aulas práticas estimulam a aprendizagem proporcionando uma visão mais integrada dos fenômenos e um maior envolvimento com o tema. Segundo Krasilchik (2004), elas permitem que os alunos tenham contato direto com os materiais e equipamentos podendo observar os fenômenos e organismos, o que contribui para o ensino de assuntos que lhe são pouco palpáveis. Apesar disso, elas não são utilizadas no cotidiano das escolas, pois muitas vezes não há laboratórios ou uma estrutura adequada para realização de experiências, materiais para a realização das aulas, tempo para elaboração das atividades, ou mesmo a falta de preparo na formação inicial e continuada dos professores, causando insegurança na elaboração e condução destas (KRASILCHIK, 2004; ANDRADE & MASSABNI, 2011; SILVA *et al.*, 2011).

De acordo com Krasilchik (2004), "a Biologia pode ser uma das disciplinas mais relevantes e merecedoras da atenção dos alunos, ou uma das disciplinas mais insignificantes e pouco atraentes, dependendo do que for ensinado e de como isso for feito". Levando em consideração que o ensino de Biologia ainda é praticamente restrito a aulas expositivas com pouca interatividade (KELLER *et al.*, 2011), o objetivo do presente estudo é relatar as experiências vivenciadas através do estágio docência realizado por duas graduandas do curso de Biologia, discutindo e analisando as diferentes metodologias utilizadas e a eficiência de cada uma delas no ensino do conteúdo biológico.

Detalhamento das Atividades

O estágio docência foi realizado na disciplina Estágio I, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia. A temática trabalhada foi Reino

Protista e Reino Fungi, que estavam na programação da professora da turma para serem desenvolvidos. As aulas foram ministradas durante o primeiro semestre de 2015 para uma turma de sétimo ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual de Uberlândia – MG. A turma continha cerca de 40 alunos, aonde metade ia para um dos laboratórios da escola e metade ia para outro. Cada estagiária ministrava as aulas em um laboratório, que às vezes eram revezados.

Eram feitas reuniões semanais juntamente com os outros estagiários da disciplina para que pudéssemos debater sobre a aula que seria dada naquela semana, quais seriam as alterações do plano inicial, os materiais que seriam utilizados e discussões gerais sobre o conteúdo e práticas. Para o planejamento foram utilizados livros didáticos aprovados pelo PNLD – Plano Nacional do Livro Didático, guias para aulas práticas e buscas na internet em *sites* voltados para os professores. Planejar as aulas que serão dadas é fundamental para que o professor se organize quanto aos objetivos propostos e se prepare para possíveis ações não previstas, ou seja, o plano serve como guia de orientação, mas não pode ser um documento rígido, pois é normal que sofra alterações de acordo com as condições reais do contexto escolar.

As práticas no ambiente escolar também foram muito abordadas durante o estágio, tendo em vista sua importância no ensino de ciências, facilitando a observação dos fenômenos estudados na teoria e ajudando no desenvolvimento de conceitos científicos (LEITE *et al*., 2008). Para a realização das aulas práticas obtivemos ajuda do Laboratório de Ensino do curso de Biologia da universidade para nos ceder materiais como: microscópios, lupas, placas de Petri, pinças, lâminas, lamínulas, algas, modelos didáticos de protozoários, *data show*, *notebook*, pincéis e apagador de quadro branco; e para confeccionar outros materiais como jogos, crachás e impressões dos exercícios.

Na primeira aula trabalhamos com noções de classificação utilizando a dinâmica dos botões, que consiste em entregar aos estudantes botões de diferentes formas e pedir que eles classifiquem os botões de acordo com o critério que acharem mais válido. Essa é uma dinâmica interessante para introduzir o conteúdo dos seres vivos, pois trabalha bem com a noção de classificação, uma vez que os botões podem ser agrupados de diferentes maneiras

assim como os seres, além estimular o trabalho em grupo e criar uma afinidade entre professor e aluno em seu primeiro contato.

Dependendo do tema da aula a ser ministrada, optávamos por utilizar o *data show*, que é um recurso eficaz para um maior controle do tempo e para ilustrar o conteúdo com imagens e vídeos. Por outro lado, é um recurso indisponível na maior parte das escolas públicas da cidade, situação que teremos de enfrentar quando nos formarmos. Por conta disso, tentávamos evitá-lo sempre que possível para utilizar outras estratégias, como fazer desenhos no quadro, levar modelos de *biscuit* e exemplares dos seres abordados, o que pode ser uma alternativa ainda mais interessante.

Sempre que possível, valemo-nos do recurso da experimentação por considerá-la conforme Lepienski e Pinho (2005) de suma importância para o ensino de Biologia, por permitir o contato direto com material biológico, incentivando o envolvimento, a participação e o trabalho em equipe. Levamos aos alunos exemplares de algas e modelos de *biscuit* que conseguimos na universidade, e também fungos que coletamos por conta própria, levando exemplares de liquens, orelha de pau e cogumelos *champignon*. Havíamos pedido também aos alunos que levassem frutas ou pães mofados na aula de fungos e fizemos algumas lâminas com esse material que foram visualizadas pelos estudantes nos microscópios e lupas. Isso demonstra como certas práticas podem ser simples, tendo em vista a disponibilidade de alguns materiais em ambientes próximos a nós.

No começo de todas as aulas fazíamos questão de dar uma pequena revisão sobre a aula anterior para que os alunos resgatassem os conceitos. Ao final de praticamente todas as aulas entregávamos exercícios sobre o conteúdo da aula ou relacionados às práticas. Alguns exercícios eram feitos em sala de aula e outros em casa. Os exercícios feitos pelos alunos continham várias respostas erradas, algumas que não havíamos abordado em sala e outras copiadas dos colegas. Acreditamos que esse tipo de exercício não é eficaz como forma de avaliação, pois trabalha apenas com a memorização de conceitos. A importância da avaliação é muito mais do que um registro de notas, também envolve a perspectiva de ser problematizadora, visando questionamento e reflexão (HOFFMANN, 1991).

Para finalizar o conteúdo de protozoários, deixamos uma aula somente para aplicar um jogo de cartas sobre protozooses elaborado por nós. Os jogos proporcionam um ambiente

crítico, sensibilizando o aluno para a construção de seu conhecimento e, ao mesmo tempo, permitindo-o desfrutar de oportunidades prazerosas para que haja o desenvolvimento de suas cognições (MORATORI, 2003). Os alunos eram separados em grupos de quatro, onde recebiam cartas com os nomes das doenças, os vetores e os sintomas. Eles deveriam relembrar o conteúdo dado em sala de aula e analisar se alguma carta estava relacionada com outra para que no final formassem uma trinca com uma carta de determinada doença, uma do seu vetor e uma dos sintomas daquela doença. Os estudantes se encantaram com a atividade, alguns disseram que gostariam de ter estudado antes para poder jogar. Foi interessante ver como os próprios membros do grupo ajudavam quando um não se lembrava do conteúdo, e com isso, eles formavam as trincas rapidamente.

Análise e Discussão

Os problemas na educação atual muitas vezes não se limitam apenas na deficiência por parte da formação de professores, mas também deficiências em relação à estrutura das escolas, que sempre contam com espaços fechados e sem nenhum tipo de atratividade para os alunos, o que acaba por construir uma cultura de que a escola é algo desestimulante e desagradável. Dessa forma, os estudantes não sentem o menor prazer em frequentar esse ambiente.

É importante que o professor saiba cativar os alunos a fim de tornar o ambiente escolar diferenciado e atrativo. Isso não significa necessariamente enfrentar tarefas difíceis. Atrair o olhar de um aluno, muitas vezes, pode estar nas situações mais simples. Uma brincadeira, um olhar, um conselho. Pode estar no simples fato de ter se esforçado para levar aos alunos algum tipo de material, ou mesmo fugir da rotina escolar levando-os para um passeio ou para atividades em outros locais da escola.

Enfrentamos um grande problema que é a rigidez e organização do tempo escolar. Somos obrigados a seguir um linearidade do currículo e a fragmentação do tempo e de conteúdos pedagógicos, o que dificulta a interatividade e flexibilidade entre alunos e professores (MARQUES *et al*., 2013). Mesmo que o estágio, assim como qualquer outra aula, tivesse essa rigidez estrutural de tempo e conteúdo, sempre estávamos dispostas a buscar

alternativas que facilitassem o aprendizado, estimulando a participação ativa dos alunos e a cooperação um com os outros.

Considerações

De acordo com Pimenta e Lima (2004), assim como qualquer profissão, a profissão de professor também se trata de aprender a fazer algo, e o modo de aprender será a partir da observação, imitação e reprodução de modelos existentes na prática consagrados como bons, mas elaborando seu próprio modo de ser a partir da análise crítica desses modelos. Por isso, o estágio é o momento em que começamos a construir nossa própria identidade como professor, aplicando metodologias que julgamos serem mais adequadas.

Percebemos que atividades diferenciadas como jogos, dinâmicas, exemplares ou mesmo um simples jogo de perguntas e respostas improvisado que fazíamos, são ferramentas construtivas que fogem do que os estudantes estão acostumados, o que acaba por tornar a aula mais interessante e a relação entre professor e aluno mais afetiva. Além disso, constatamos que os alunos lembram com maior facilidade os conceitos que foram abordados dessas maneiras do que nas aulas expositivas. Porém, isso não é uma regra. Com o estágio observamos que as ações e reações nem sempre ocorrem conforme o esperado. Os alunos nem sempre estarão receptivos a nós e aos materiais que levamos, e nem sempre as aulas ocorrerão exatamente como imaginamos. Cabe ao professor saber identificar cada uma de suas turmas e o contexto sociocultural em que a escola se insere, para que saiba contornar esse tipo de situação e elaborar metodologias eficientes.

Referências

ANDRADE, Marcelo L. F.; MASSABNI, Vânia G. O desenvolvimento de atividades práticas na escola: um desafio para os professores de ciências. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 17, n. 4, p. 835-854, 2011.

BARROS, José D. S.; SILVA, Maria F. P.; VÁSQUEZ, Silvestre F. A prática docente mediada pelo estágio supervisionado. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 6, n. 2, p. 510-520, 2011.

CAVASSANI, Osmar; SENICIATO, Tatiana. O ensino de botânica em ambientes naturais e a formação de valores estéticos. IN: **Anais do Congresso Nacional de Botânica,** LVIII, São Paulo. 2007.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação: mito e desafio. Uma perspectiva construtivista. Porto Alegre, **Educação e Realidade**, 1991.

KELLER, Lígia.; BARBOSA, Suzana.; BAIOTTO, Cléia R.; SILVA, Valeska M. A Importância da Experimentação no Ensino De Biologia. In: Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão, 16., 2011, Cruz Alta. **Anais**... Cruz Alta, 2011.

KRASILCHIK, Myriam. **Prática de ensino de biologia**. 4. ed. São Paulo: Ed. da USP, p.198, 2004.

LEITE, Adriana C. S.; SILVA, Pollyana. A. B.; VAZ, Ana C. R. A importância das aulas práticas para alunos jovens e adultos: uma abordagem investigativa sobre a percepção dos alunos do PROEF II. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, América do Norte, v. 7, n. 3. 2008.

LEPIENSKI, L.M.; PINHO, K.E.P. **Recursos didáticos no ensino de Biologia e Ciências**. 2005. Disponível em: <www.diadiaeducacao.pr.gov.br> Acesso em: 03 set. 2011.

MAFUANI, F. Estágio e sua importância para a formação do universitário. **Instituto de Ensino Superior de Bauru**. 2011.

MARQUES, Luciana P.; OLIVEIRA, Cristiane E. A.; TOLEDO, Cristina; ANDRADE, Josiane S. **O tempo escolar em questão**. Universidade Federal do Maranhão, 2013.

MORATORI, Patrick B. **Por que utilizar jogos educativos no processo de ensino aprendizagem?**. Relatório Técnico, IM/NCE/UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2003.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez. 2004.

SILVA, Francivania S. S.; MORAIS, Leile J. O.; CUNHA, Iane P. R. Dificuldades dos professores de biologia em ministras aulas práticas em escolas públicas e particulares do município de Imperatriz (MA). **Revista Uni**, 1(1). P. 135-149. 2011.